A GÊNESE DA ORGANARIA BRASILEIRA

Dr. Handel Cecilio (Brasil)

A gênese da organaria brasileira sempre foi atribuída, por musicólogos, ao organeiro pernambucano Agostinho Rodrigues Leite, que construiu excelentes órgãos pelo Brasil Colonial. Contudo, diversos documentos do século XVIII comprovam a verdadeira história da organaria brasílica, como também a existência dos primeiros grandes órgãos de tubos.

No Brasil, até princípios do século XVIII, eram usados órgãos positivos de mesa e realejos, em sua maioria vindos de Portugal. Não foi encontrado algum documento ou mesmo crônica de época, que afirme o início da construção de órgãos no Brasil antes dos oitocentos.

A realidade da arte organística em terras brasilianas era reflexo da situação em Portugal. As primeiras notícias sobre órgãos e organistas em Portugal remetem ao ano de 1326, na Sé de Braga, onde existia um órgão e um organista. A partir do século XVI ao XIX, a organaria portuguesa desenvolve-se e prospera com o surgimento de vários organeiros, que produziram órgãos em quantidade e qualidade.

A situação econômica e política de Portugal no século XVII não permitia grandes investimentos nas colônias, pois suas finanças estavam arruinadas. De 1580 a 1640 Portugal esteve sob o domínio espanhol, durante a união ibérica, que trouxe uma importante contribuição para o Brasil; sua expansão territorial para oeste, não sendo mais considerada a linha de Tordesilhas. Acrescente-se o domínio holandês no período de 1624 a 1654. Na colônia, toda economia estava no litoral do Nordeste, que passou por um decrescimento da produção açucareira. Entre os anos de 1632 a 1636, aproximadamente 15 engenhos foram destruídos pelos holandeses em Pernambuco. Por outro lado, segundo Guilherme Theodoro Pereira de Mello, em A música no Brasil desde os tempos coloniais até o primeiro decênio da republica, durante o Governo do Conde de Nassau, as artes floresceram admiravelmente. Em 1635 os engenhos na região entre Paripueira e Porto Calvo, atualmente Estado de Alagoas, foram destruídos.

O missionário jesuíta português Fernão Cardim (1540-1625), que esteve por duas vezes no Brasil como Padre Visitador, em sua primeira vinda, entre 1583 e 1601, produziu narrativas descritivas do Brasil daquela época. Em uma de suas notas, de número XXV, Cardim assim retrata o Brasil do final do século XVI:

> XXV — Este capítulo ministra uma ideia do estado da colonização do país no ultimo quartel do século XVI. "Este Brasil he já outro Portugal (assevera Cardim), pelas muitas commodidades que de lá lhe vêm." Casas de pedra e cal e telha já se iam fazendo; se algumas partes da terra, do Rio de Janeiro a S. Vicente, sofriam carência de mercadorias e panos, que não vinham de Portugal, por falta de navios, eram bem servidas dessas coisas as outras capitanias, e andavam os homens bem vestidos, e rasgavam muitas sedas e veludos (CARDIM, [1585] 1978, P. 75).

Neste momento, no Brasil existiam somente pequenas igrejas e capelas. O apelo feito ao Rei D. João III, pelo Bispo D. Pero Sardinha em 1552, mostra a carência de órgãos em Terras Brasilianas. Contudo, em 9 de dezembro de 1559, quando da criação do primeiro cargo de organista da Sé Primaz Brasil, exista um órgão de tubos, provavelmente um realejo na Catedral.

A determinação do primeiro organeiro é um trabalho árduo de busca em documentos eclesiásticos nos arquivos públicos, e nos arquivos das igrejas, das ordens terceiras, e nos mosteiros e conventos. Muitos documentos seculares e eclesiásticos, tanto no Brasil como em Portugal, perderam-se ao longo dos séculos, destruídos pelo tempo ou pelo descaso. Acrescente-se a estes, as invasões holandesas, quando muitos documentos eclesiásticos foram perdidos. Consequentemente, fatos e dados históricos foram apagados para sempre. Na Cidade do Recife, algumas das irmandades e ordens terceiras jogaram seus livros de registros no Rio Capibaribe.

Os órgãos realejos foram amplamente usados no Brasil, mesmo após a vinda dos grandes órgãos de igreja. O termo “realenjtoo” naãdobvépmo sdsou ifra, t oc odmeo ob aisnes, t pés), mas um registro de 4’ (quatro pés) tapado, Principal, não é “real ”, é “realejo” rte, geralmente (ACIN, 19

dividido em duas partes: na parte superior encontram-se teclado e a tubaria, na inferior, os foles. O órgão realejo foi concebido para ser transportado processionalmente, sendo adequado aos ofícios litúrgicos dos palácios e igrejas. Os realejos são munidos de alças de metal lateral para serem transportados usando-se alavancas, da mesma maneira como nos andores.

O século XVIII pode ser também considerado cor
Brasil. Com a descoberta do ouro de diamantes na Capitania de Minas Gerais no final dos seiscentos, o eixo econômico foi deslocado para o centro-sul brasílico. Desta forma, Portugal obteve recursos financeiros para prover as igrejas e catedrais da colônia com ornamentos e órgãos de tubos. Assim, a Coroa Portuguesa começou a suprir as sés catedrais enviando grandes órgãos da Corte de Lisboa. Era um momento de transição em que no Estado de Brasil as igrejas substituíram seus órgãos portáteis, positivos e realejos, para os grandes órgãos de igreja.

Na medida que os novos Bispados eram sendo fundados no Brasil, e erigidas as sés catedrais, a Coroa Portuguesa supria com órgãos, assim como também na criação e manutenção dos cargos de organista. Este processo de munir as catedrais com grandes órgãos nem sempre acontecia simultaneamente. Na sequência histórica de fundação dos Bispados Brasileiros durante o período colonial, O Bispado da Bahia ocupa a posição de primaz (1555), seguido do Bispado do Rio de Janeiro (1576), Bispado de Pernambuco (1676), Bispado do Maranhão (1677), Bispado Pará (1719), Bispado de São Paulo (1745), e Bispado de Mariana (1745).

Ao serem enviados os grandes órgãos construídos na Corte, vinham organeiros para a montagem e assentamento dos instrumentos. Estes técnicos no ofício da organaria, enviados pelo Rei D. João V, vinham também com a missão didática de ensinar o ofício. Este
era o início da escola de organaria brasileira, que teve suas raízes na escola ibérica de organaria portuguesa.

Diversos documentos do século XVIII do Arquivo Ultramarino elucidam o processo histórico da passagem dos órgãos realejos vindos de Portugal, nos séculos XVI e XVII, e o envio e manutenção dos grandes órgãos de igreja de Portugal. Posteriormente, a construção de órgãos in loco, a gênese da organaria brasileira.

A INSTALAÇÃO DO GRANDE ÓRGÃO DA SÉ CATEDRAL DA BAHIA

A primeira referência documental encontrada referente à vinda dos grandes órgãos de igreja de Portugal remete a Catedral da Sé da Bahia, pertencente ao Bispado Primaz do Brasil. Foi uma das primeiras igrejas a possuir um órgão de grande porte nos Estados do Brasil, simbolizando o momento da passagem dos órgãos realejos para os grandes órgãos de tubos de igreja. Ademais, em sua maioria, os órgãos no Brasil estavam muito antigos e desgastados pelo tempo de uso.

Primeiramente, foi realizado o pedido do grande órgão, houve uma avaliação do estado geral da catedral por engenheiros. Sendo aprovada sua compra em Portugal, foi ajustado o envio de novo grande órgão de tubos, e foi consumado o processo com o assentamento do instrumento. Alguns anos depois, este órgão sofre uma deterioração, quando serão necessários reparos, sendo necessária a vinda de um organeiro reinol.

Em 11 de março de 1717, um documento envido pelo Rei D. João V, informa ao Vice-Rei e ao Capitão Geral do Estado do Brasil a confirmação do pedido feito em 18 de dezembro de 1716, de um novo órgão para a dita Catedral de Salvador. Até este momento, eram usados nas igrejas órgãos positivos e órgãos realejos.

Por meio de Cartas Régias o Rei de Portugal, D. João V, responde ao pedido de um novo órgão para o Primeiro Episcopado do Brasil. A carta solicitando o instrumento foi redigida em 18 de dezembro de 1716, sendo respondida em 11 de março de 1717.

Em todos os documentos de pedidos de órgãos de tubos ao Rei de Portugal solicitam o envio de órgãos de maior porte, justificando sempre que os órgãos existentes são de pequeno porte, os órgãos positivos, não sendo mais adequados às dimensões dos novos temp
que por não ser capaz o Órgão que na dita Sé havia por velho e pequeno [...] (Colonial - Livro 12o - Doc. 20). O texto do documento também sugere que era uma prática nesta época a venda de pequenos órgãos portáteis como pode ser comprovado neste excerto: "[...] ma

de sento sincoenta mil rz [réis], porem que como este inda era pequeno e já com uzo que não podia ter mta. [muita] duração[...]”

O Rei de Portugal presenteia a Sé Catedral com o relógio e um órgão grande. Por Requerimento de 16 de março de 1723, o Provedor da Mitra da Sé da Bahia, Padre Caetano Dias de Figueiredo, solicita ao Provedor da Fazenda que envie dinheiro ao Tesoureiro do Conselho Ultramarino afim de se mandar construir um órgão para a dita Sé. (AUH –Bahia, cx. 14, doc. 18). Obras foram realizadas no Coro da Sé Catedral para que fosse feito o assento do novo órgão.

Um Requerimento posterior, enviado pelo Procurador da Mitra da Sé Padre Caetano Dias de Figueiredo, em 28 outubro de 1723, ao Rei D. João V, solicita ao Provedor-mor da Fazenda Real que mande fazer um novo coro e duas cadeiras do cadeiral para o atual coro da Catedral. Este requerimento revela que a Catedral de Salvador não tinha coro alto. Sendo assim, o coro cantava no coro baixo, no altar-mor, sendo assim, o pequeno órgão estaria junto ao coro, um órgão positivo de mesa ou um órgão realejo. A construção do coro alto serviria para o assento do novo órgão de grande porte posteriormente. De fato, qualquer um destes dois instrumentos seriam incapazes de servir a uma catedral que possuía três naves. Além de que, o Cabido da Bahia, desde sua fundação, sempre zelou pela dignidade de seu templo e de seu culto. Consagrado pelo Concílio de Trento como o instrumento litúrgico por excelência, os templos católicos deveriam ser supridos com este o instrumento. A Sé Catedral empenhou-se em ter sempre um organista em seu quadro de ministros eclesiástico, como também um órgão de tubos apropriado a grandeza do templo e em condições de uso.

Em outro documento, está explícita a realidade do órgão existente e a necessidade de um novo órgão de maior porte. Assim, o zeloso o padre Caetano Dias de Figueiredo, procurador da Mitra da Sé da Cidade da Bahia, faz o pedido do um novo órgão, adequado à grandeza do templo, e à qualidade dos cultos ali praticados.

> “Se acha esta Sé sem ter um órgão, porquanto o que de presente serve é um muito pequeno, e já velho incapaz incapaz para o tal ministério, por ser a d
> mais claro a tipologia do órgão, que se trata de um órgão positivo, ou um dos primitivos órgãos realejos: “[...] e este que serve se não ouve bem pela peq (A.H.U. – Bahia, cx. 14, doc. 18).

Em 17 de setembro de 1725, assumiu o Bispado da Bahia, D. Luiz Alvares de Figueiredo, que se dedicou à reconstrução da Catedral da Sé, a qual encontrava-se bastante danificada. Considerando que haviam recursos financeiros suficientes, o Bispo teve a iniciativa de instalar o novo órgão, presente de Sua Majestade.

Por meio de Requerimento de 1723, os organeiros Manuel Rodrigues e Luís Nunes solicitam passagem para viajaram à Bahia, com a finalidade de fazerem o assento do novo órgão da Sé Catedral da Bahia. Segundo o texto deste Requerimento, a seguir, os órgãos de tubos eram construídos em Portugal, e eram montados no Brasil por técnicos enviados pelo Rei.

O CONSERTO DO ÓRGÃO DA SÉ E A FORMAÇÃO DE ORGANEIROS BRASILEIROS

Poucos anos após sua instalação, o órgão de tubos da Sé Catedral da Bahia precisava de conserto. Encontra-se no Arquivo Ultramarino um conjunto cartas trocadas entre o Rei de Portugal e o Estado do Brasil, datado de um período entre os anos de 1739 e 1744, o qual trata desta intervenção. Em consulta do Conselho Ultramarino, em 4 de março de 1739, o Provedor-mor da Fazenda da Bahia relata o estado arruinado em que se encontra a Catedral Sé da Bahia. Entre vários itens, cita o novo órgão da Sé.

Segundo artigo de D. Luiza da Fonseca, em Aspectos da Bahia no Século XVIII, publicado na Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, N. 77, ano 1952, foi publicado pelo Conselho Ultramarino o anúncio para os consertos da Sé, sendo recebidas três propostas de organeiros, citadas a seguir.

> Felix Martins de Rates disse que o órgão da Sé era pela mesma formatura do de São Francisco. Na ocasião em que se assentou, estava ele naquela cidade fazendo o do Mosteiro de São Bento, sendo chamado pelo Arcebispo para fazer a vistoria no órgão da Sé. Nele achou apenas o defeito de ser construído de madeira de bordo, não muito conveniente por ser sujeita ao cupim, como se tinha verificado em alguns que consertara na Bahia e Rio de Janeiro. Propunha Rates fazer o órgão de madeira nova, aproveitando tudo o

que estivesse capaz, pelo preço de 2.000 cruzados; e sendo a caixa e tudo o mais que o guarnecesse de talha e escultura, por 4.000, pagando ele as passagens. Par fazer apenas um concerto levava 400$000 reis e naõ pagaria as passagens, porque pagando-as levaria 550$000 reis. Havendo mais alguma danificação nos foles ou “canaria”, custaria a obra de mais 40 ou 50 re aviar, em Lisboa, e o resto, no fim da obra, na cidade da Bahia. Propunha mais ficar naquela cidade para dali passar a outras a fim de afinar os órgãos, como se fazia na Corte.

Clemente Gomes informou que o órgão estava muito desconcertado; sendo de 24 registros, metade não tocava. Pedia pelo concerto 600$000 reis e viagens pagas de ida e volta. Sendo reformada toda a madeira, levaria um conto de reis todos os aviamentos a sua custa, excetuando as passagens de ida e volta. Receberia metade da paga antes de partir e a outra depois de voltar.

Pascoal Caetano Oldovini, genovês, soube que se pusera lanço no Conselho Ultramarino para o conserto do órgão da Sé da Bahia e não teve dúvida em lançar menos 100$000 reis no último preço em que estivesse, e se houvesse quem fizesse por menos, ser a afron -se de mestre de fazer órgãos, e de assistir à fatura de três da Sé ocidental de Lisboa, de três do Convento de Belém; fizera também um em casa de Francisco Poquer, músico da Sé ocidental e estava acabando dois que, sendo necessário, mostraria (FONSECA, 1953, p. 283).

Para esta obra foi feito um ajuste com o organeiro português Felix Martins de Rates, em 26 de junho de 1740, no valor de trezentos mil réis, para consertar o que fosse necessário no órgão da Sé.

Em carta do Rei de Portugal, D. João V, é comunicado ao Conde de Galveias , Vice Rei e Capitão Geral de mar e de terra do Estado do Brasil, o ajuste feito com Mauricio Roiz [Rodrigues] da Silva, residente no Brasil. Conforme foi acordado, Mauricio Rodrigues da Silva receberia um salário anual de trinta mil réis, pagos pela Fazenda Real, para que este aprendesse o ofício de organeiro e que desse a manutenção ao órgão da Sé da Bahia.

Este documento elucida uma das grandes dúvidas referentes ao momento em que se procedeu, na história da arte organística brasileira, a passagem dos órgãos vindos de Portugal, para os construídos no Brasil. O texto da carta também revela o processo, ocorrido no primeiro quartel do século XVIII, através da formação de mestres organeiros no Brasil. Tem início da construção e manutenção destes instrumentos em terras brasílicas.

Dom Joam por graça de D.N.S. [Deus Nosso Senhor], Rey de Portugal e dos Algarves daquém, e dalem mar em Agua Snor. [Senhor] da Guné V. [Vos] Faço saber avos Conde das Galveas [Galveias], V. [Vice] Rey, e Capitam General de mar e terra do Estado do Brasil, que sérvio o que me escreveo o Provedor mor da Fazenda Real desse Estado na carta de que com esta se vos remete a copia sobre o ajuste que fes com Mauricio Rodrigues da Silva pera aprender a conserta os orgaõs com o official que foi deste Reino, e se lhe dar trinta mil rs cada ano pelo trabalho de qualquer conserto que fizer no Orgam da Sé. [...] Luis Manuel a fes em Lisboa a vinte e dous de junho de mil setecentos, quarenta e dous. [...] Por despacho do Conselho Ultrho. [Ultramarino] desesseis de junho de mil setecentos e quarenta e dous. (AHU-Bahia, –Cx. 79 –D. 6505).

Em outro documento é comunicada a chegada do organeiro português Félix Martins de Rates à Bahia para o conserto do órgão da Sé Catedral. Além do conserto do órgão da Sé Catedral da Bahia, o organeiro vindo da Corte tinha a missão de formação de um organeiro brasílico. Para tal, foi feito um ajuste com o organista Mauricio Roiz [Rodrigues] Garcia, residente em Salvador. Mauricio Roiz Garcia receberia um salário anual para fazer a manutenção do órgão da Sé da Bahia. Portanto, para ser dada a manutenção no instrumento da Sé Catedral, além da manutenção básica e afinação, Mauricio Rodrigues Garcia também teria de aprender a construir os diversos tubos de um órgão. A intensão do Rei de Portugal era formar técnicos nos Estados do Brasil, o que ficaria muito menos dispendioso para a Fazenda Real. O organeiro Felix Martins Rates construiu outros órgãos de tubos no Brasil, Um deles, o órgão da Irmandade de Conceição dos Homens Pardos do Rio de Janeiro.

Diversos documentos deixam claro os dois problemas dominantes que geravam manutenções constantes nos órgãos no Brasil: a humidade e a poeira. Para isto, seguiu Felix Martins de Rates em sua missão para Pernambuco, Rio de Janeiro, e outras partes dos Estados do Brasil.

Após terminado o serviço na Cidade de Salvador, a pedido do Rei D. João V, o organeiro seguiria viagem para Pernambuco, para de lá ir para o Rio de Janeiro ou para outras partes do Estado do Brasil. Como afirmado anteriormente, o organeiro português supriria as necessidades da formação de organeiros brasílicos. A princípio o ensino estaria focado na afinação e manutenção dos órgãos, mas, assim estaria sendo ensinado a arte da construção destes instrumentos.

Em consulta ao Conselho Ultramarino, o Provedor da Fazenda Real da Capitania de Pernambuco, João Rêgo de Barros, em carta dirigida ao Rei de Portugal, datada de 6 de agosto de 1722, da conta das necessidades da Sé de Olinda. O órgão antigo necessitava de reparos urgentes, pois não funcionava mais. Destaca-se neste texto a afirmativa do Provedor da fazenda Real: “
manifesto a carência de organeiros pela não existência destes oficiais nos Estados do Brasil. Transcreve-se, a seguir, texto deste documento (Documentos Históricos, 1953, Vol. XCIX, p. 216).

> O provedor da Fazenda Real da capitania de Pernambuco, João do Rêgo de Barros, em carta de 13 de agosto do ano passado, dá conta a Vossa Majestade de que em carta de 5 de agosto de 1722 lhe faz Vossa Majestade a saber que o reverendo cabido da cidade de Olinda, consultara a Vossa Majestade em carta de 20 de abril do dito ano a necessidade em que se acha a dita sé de ornamentos para o culto divino, porque um que tinha de tela branca era dos dias solenes e procissões se achava já muito indecente e incapaz, e outro de damasco branco, que é dos dias duplos, que eslava da mesma sorte, e que só um roxo da quaresma e outro verde dos dias feriais estavam em melhor uso, e que assim pedia a Vossa Majestade fosse servido mandá-la prover de ornamentos, como também de um órgão para as ocasiões de coro, por se ter arruinado o que havia, e não haver na terra quem o conse e os dias mais solenes, [...] enviando de tudo que s
> as medidas, e declarando outrossim se há necessidade urgente do órgão que insinua o dito cabido, e o que bastará para servir; [...] e que assim remetia as medidas dos que são necessários, e que do órgão há urgente necessidade, porquanto o que tem já não se pode ter nenhum uso dele, e carece de outro que sirva para o coro, e seja nacional , dos que costumam custar cem mil réis, com pouca diferença.
>
> Lisboa ocidental, 19 de Outubro de 1724
>
> (À margem do Documento)
>
> Como parece, com declaração que também se comprará um órgão; tudo se executará com brevidade. Lisboa ocidental, 31 de julho de 1725. Rei

Todos os registros de órgãos construídos por organeiros brasílicos são posteriores à vinda de Felix Martins de Rates. Havia alguns organistas ou padres que somente afinavam órgãos, o que era prática entre os organistas darem manutenção básica nos instrumentos das igrejas onde atuavam. A exemplo, cita-se o padre Frei João Fagundes, que, segundo o Livro de Despeza: 1672-1681, da Santa Casa de Misericórdia de Salvador, deu manutenção no órgão em maio de 1676: “despend
Fagundes de afinar, e consertar o orgaõ” (Ms. Cód

Quando foi instalado o órgão da Sé de Olinda, 1729, Agostinho Rodrigues Leite estava com apenas oito anos de idade, portanto, dificilmente ele estaria recebendo alguma formação do organeiro Clemente Gomes, responsável pelo assento do órgão da Sé de Olinda. Contudo, em 1744, Agostinho Rodrigues Leite estaria com seus vinte e dois anos de idade, e aos vinte e oito anos, fabricaria seu primeiro órgão para o Mosteiro de São Bento de Olinda. Por falta de documentação, não é possível afirmar, por comprovação documental. todavia, considerando-se as datas, pode-se presumir que o organeiro português Felix de Rates tenha sido o mestre de organaria de Agostinho Rodrigues Leite, em Salvador, durante o conserto do órgão da Sé, ou posteriormente em Pernambuco. Por sua vez, Agostinho Rodrigues Leite fez de seu filho, Salvador Rodrigues Leite, seu discípulo. Salvador Leite atuou nas Cidade de Recife e de Salvador.

Diversos fatores principais contribuíram para a construção de órgãos locais na Capitania de Minas Gerais: a distância do Rio de Janeiro, por onde chegavam os órgãos vindos de Portugal; as dificuldades geográficas, serra altas; as viagens eram realizadas em comboios, em épocas do ano não chuvosas, pois os rios enchiam e ainda não haviam pontes; e a mesma riqueza gerada pela mineração, levou a supervalorização dos bens de consumo; e o isolamento imposto pela Coroa Portuguesa para evitar o contrabando do ouro, sendo proibidas a instalação das ordens monásticas. Além destas dificuldades, existiam os perigos de assaltos por

ciganos, escravos fugidos e quilombolas. Uma viagem, pela Estrada Real, do Rio de Janeiro a Ouro Preto demorava três meses, à Diamantina seis meses. Mesmo os mestres arquitetos utilizaram-se de matérias regionais nas construções das igrejas devido a estas dificuldades. Assim, justifica-se construção local dos órgãos nas igrejas matriz e nas ordens terceiras, segundo suas posses.

Como exemplo ilustrativo, citam-se os dois órgãos construídos na Cidade de Diamantina, antigo Arraial do Tijuco. O transporte de um órgão de armário, do litoral ao Arraial do Tijuco, ficaria extremamente dispendioso. Portanto, todas estas razões levaram à construção dos órgãos da Igreja Matriz de Santo Antônio e da Ordem Terceira do Carmo pelo Padre Manuel de Almeida e Silva.

Quanto ao padre organeiro da Capitania de Minas Gerais, Manuel de Almeida e Silva, cursou gramática, filosofia e teologia moral no Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte, em Mariana. De acordo com seu processo de habilitação, Padre Manuel de Almeida da Silva e seu irmão, Padre Antônio de Almeida da Silva, foram habilitados como padres seculares, Presbíteros da Ordem de São Pedro. Eram Filhos legítimos dos reinóis Antônio de Alves Silva, natural da freguesia do Salvador de Parada e Barbuda, termo da Villa de Barcelos, arcebispado de Braga, e de Francisca Thomazia de Almeida Cabral, natural da Freguesia da Sé da Cidade do Porto.

Segundo seu *De genere, de vita et Moribus*, padre Manuel de Almeida e Silva era filhos de cristãos antigos, portanto, era considerado pela Inquisição como de sangue limpo. Manuel de Almeida e Silva foi habilitado Padre Secular da Ordem de São Pedro no dia 27 de agosto de 1763, aos 24 anos de idade. De acordo com os autos de sua habilitação, padre Manuel de Almeida e Silva nasceu aos 9 de março de 1739, sendo batizado na Matriz de N. S. da Conceição da Villa do Príncipe do Serro de Frio, Capitania das Minas Gerais, segundo registro no Livro Segundo dos Batizados da Matriz de N. S. da Conceição da Villa do Príncipe do Serro de Frio.

Considerando-se os dados acima citados, Manuel de Almeida e Silva estava no Seminário de Mariana na mesma época da instalação do órgão da Sé Catedral de Mariana, entre os anos de 1752 e 1753. Deste modo, teria o padre organeiro recebido sua formação nesse ofício acompanhando o assento do organeiro pelo organeiro vindo de Portugal.

As primeiras referências a Manuel de Almeida e Silva na Vila do Serro, em funções como padre, datam do período entre os anos de 1768 e 1740. Quanto à sua atividade como organeiro, nas construções dos órgãos de tubos da Matriz de Santo Antônio (1778? - 1783?) e da Capela da Ordem Terceira do Carmo (1782-1787), ambas em Diamantina.

Quanto outros organeiros de Minas Gerais, tais como, Alferes Athanazio Fernandez da Silva (1767-1843?) e Antônio Francisco Lisboa (final do século XVIII), como os demais organeiros brasílicos, aprenderam esta arte com algum discípulo de Felix Martins Rates, ou de outro mestre de organaria que tenha sido enviado ao Brasil com a missão de fazer discípulos.

Assim, teve início a escola de organaria colonial brasileira, através da formação de oficiais no sistema “mestre-discípulo”, assim como nas artes e ofícios. Nã
órgãos pela imitação de órgãos existentes ou mesmo através dos manuais ou tratados de construção de órgãos de tubos. Assim, por diligencia do Rei de Portugal, D. João V, foi capacitado o primeiro organeiro brasílico, Mauricio Rodrigues da Silva, discípulo do mestre organeiro português Felix Martins Rates. Na sequência de sua viagem para Pernambuco e Rio de Janeiro, afinou e consertou órgãos de tubos, e também formando outros organeiros. Nas instalações posteriores dos órgãos das sés catedrais, certamente adotou-se a mesma prática de formação de organeiros. Certamente, este modelo adotado seria menos dispendioso para a Coroa Portuguesa na manutenção dos órgãos das catedrais, e assim, haveriam organeiros capacitados para a construção de órgãos para as matrizes, conventos, mosteiro, e capelas das ordens terceiras.

Handel Cecilio Pinto da Silva (2017)

Curriculum Vitae

Handel Cecilio – Organista, cravista (continuísta) e pianista. Graduado em Piano pela Universidade do Estado de Minas Gerais –UEMG. Iniciou suas pesquisas de pós-graduação em 2005, tendo como foco os órgãos de tubos no Brasil Colonial. Especialista em Música Brasileira, práticas interpretativas, pela UEMG, tendo recital intitulado "Compositores Brasileiros para Órgão", no qual foram estreadas três composições para órgão de sua autoria. Mestre em Musicologia Histórica pela Universidade Estadual de Campinas (2009). Doutor em Música também pela UNICAMP, sendo Bolsista CAPES de Doutorado e realizado estágio PDEE, bolsa sanduíche, no período de 15 de setembro de 2011 a 30 de setembro de 2012, na Universidade de Coimbra, em Portugal, quando teve a co-orientação estrangeira a Professora Doutora Maria do Rosário Barbosa Morujão. Tem desenvolvido pesquisas sobre a organaria ibérica e colonial brasileira e realizado um resgate da história dos órgãos de tubos históricos brasileiros, fazendo importantes descobertas e publicando artigos sobre o tema. Idealizador do projeto de restauro do órgão da Igreja do Carmo de Diamantina, conduziu pesquisas que revelaram a importância e a qualidade de construção do órgão de tubos colonial do Distrito de Córregos em Minas Gerais. Um trabalho de divulgação do órgão de tubos tem sido realizado através de seminários, palestras e master class pelo Brasil e no exterior. Autor de composições para órgão solo e para órgão e trompetes, que têm sido executadas em concertos no Brasil, USA e Europa. Tem atuado como Organista Titular em várias Igrejas desde 1978. Tem atuado em eventos oficiais tais como na Missa comemorativa aos 200 anos da transladação da Família Real e em outros eventos ligados a Família Imperial e Real Brasileira. Professor da Faculdade Batista de Minas Gerais, onde foi coordenador do Curso de Música sacra e Diretor do Curso livre de Música da Faculdade Batista de Minas Gerais. Atualmente, é diretor e coordenador da Escola Batista de Música –EBM, nesta mesma Instituição de Ensino. Em performance musical tem se apresentado nos Estados Unidos e Europa, além de ter realizado concertos pelo Brasil. Em junho de 2011 esteve em Braga (Portugal) onde realizou um concerto de órgão na Basílica do Sameiro e deu um workshop sobre registração de órgão para liturgia e algumas palestras sobre órgão. Foi organista da Capela do Seminário Menor em Coimbra e na Paróquia de Almalaguês, em 2012, em Portugal. Tem realizado séries anuais de concertos, juntamente com o trompetista espanhol Basilio Gomarín Píriz, com o qual formou o Duo Regia Symphonia Musicae, que tem como foco o repertório renascentista e barroco, tendo sua estreia na Espanha em setembro de 2012. Desde Julho de 2011, Handel Cecilio, juntamente com o organista Antônio Olímpio Nogueira, é idealizador e coordenador da série de concertos de órgão "Recitais em Lourdes", realizado na Basílica de Lourdes, em Belo Horizonte. Anualmente realiza turnês de concertos pelo Brasil, USA e Europa. Recentemente, em dezembro de 2016 e janeiro de 2017, realizou uma turnê pela Europa, tendo apresentado concertos em Portugal, Espanha e Alemanha, onde teve o reconhecimento através de uma crítica jornalística local, que valorizou sua composição para órgão a 4 mãos e 4 pés, e sua performance como solista. Atualmente, é professor na Escola de Música da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG. www.handelcecilio.com